

# **Identidade, memória e aceitação: considerações e efeitos do trauma infantil no romance *Deus ajude essa criança* (2015), de Toni Morrison**

*Identity, memory and acceptance: considerations and effects of childhood trauma in Toni Morrison's novel God help the child (2015)*

Laura Capoani Amaro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

[laura.amaro@edu.pucrs.br](mailto:laura.amaro@edu.pucrs.br)

<https://orcid.org/0009-0002-6812-2947>

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objeto de estudo o romance *Deus ajude essa criança* (2015), de Toni Morrison. Morrison é conhecida por abordar assuntos complexos em suas obras, entrelaçando raça, classe e gênero. Também é conhecida por tematizar sobre o abuso e trauma infantil em diversas esferas. A pesquisa tem como objetivo investigar os efeitos do trauma infantil, abordando questões como o colorismo, o racismo e a negligência materna, na trajetória da personagem Bride. A análise do trauma infantil se dividirá em três escopos principais: seus efeitos na construção de identidade, o impacto na memória e o processo de aceitação. Para isso, nos valem de teorias sobre Outridade (Kilomba, 2019; Civila, 2020), colorismo (Hunter, 2007), memória (Ricoeur, 2007) e trauma (Herman, 1992). Foi possível perceber, assim, que o romance de Morrison é representativo no que tange os efeitos do trauma na infância e da tentativa de superação dele.

**Palavras-chave:** Toni Morrison; colorismo; racismo; trauma infantil.

## **ABSTRACT**

The subject of this article is the novel *God help the child* (2015) by Toni Morrison. Morrison is known for tackling complex issues in her works, interweaving race, class and gender. She is also known for thematising child abuse and trauma in various spheres. The research aims to investigate the effects of childhood trauma, addressing issues such as colourism, racism and maternal neglect, on the trajectory of the character Bride. The

analysis of childhood trauma will be divided into three main scopes: its effects on the construction of identity, the impact on memory and the process of acceptance of the character. To do this, we draw on theories about Otherness (Kilomba, 2019; Civilia, 2020), colourism (Hunter, 2007), memory (Ricoeur, 2007) and trauma (Herman, 1992). It was thereby possible to recognise that Morrison's novel is representative of the effects of childhood trauma and the attempt to overcome it.

**Keywords:** Toni Morrison; colourism; racism; childhood trauma.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro *Deus ajude essa criança* (2015), da escritora americana Toni Morrison, aborda questões contemporâneas que nos ajudam a navegar e problematizar assuntos antes vistos como desimportantes ou invisibilizados. Entre tais assuntos, destacamos o racismo, o colorismo, as nuances maternais e o trauma geracional, todos encontrados na narrativa de Morrison. A autora é reconhecidamente um dos maiores nomes da literatura norte-americana. Seus escritos, majoritariamente sobre a vida e cultura de negros norte-americanos, possibilitaram o começo de um movimento crítico de representatividade, diversidade e identidade na literatura e nos estudos culturais. Primeira mulher afro-americana a receber o Pulitzer de Literatura, em 1993, Morrison tematiza as questões de raça, gênero e classe em diversas camadas de seus romances, fazendo-os, assim, precursores em provocar discussões literárias e sócio-históricas.

*Deus ajude essa criança*, publicado em abril de 2015, foi o último romance da autora, recebendo críticas diversas do público leitor e especializado. Contando com uma gama de ferramentas literárias e o estilo poético de prosa característico de Morrison, o romance escolhido lida com temáticas de suma importância, já abordadas pela autora em outras obras, mas que aqui são priorizadas: a infância, o trauma e o colorismo. Apresentaremos, então, uma breve sumarização do enredo do livro para avançarmos para a análise especializada acerca dos efeitos que as experiências traumáticas sofridas pelas personagens acarretam para a trama da obra e para o desenvolvimento interno e externo delas. Neste artigo, serão priorizadas as jornadas de Bride e Mel, também perpassando brevemente pela história de Booker.

A narrativa se debruça sobre a personagem Lula Ann Bridewell, que mais tarde se tornará Bride, mulher negra retinta, de pele extremamente escura, cuja cor sempre foi

motivo de rejeição por parte de sua mãe, Mel (*Sweetness*<sup>1</sup>). Mel, que tem pele mais clara, e certa passabilidade racial na sociedade, trata sua própria filha com frieza extrema desde a infância. Além disso, a relação de mãe e filha se torna ainda mais tortuosa quando a cor de pele de Bride consolida a razão pela qual seu próprio pai abandona a ela e sua mãe, alegando que seria impossível que a bebê retinta fosse filha dele. Mel demonstra a mesma postura de repulsa ao ver a bebê fora do ventre, afirmando diversas vezes que tal cor repugnante não poderia ser culpa dela. Não só o abandono do marido motiva Mel a destratar a filha, mas também a convicção de que tal tratamento a prepararia para enfrentar o racismo imperdoável da sociedade. Essa rejeição molda Bride, que busca reconhecimento, validação e afeto durante toda a sua jornada, mas carrega cicatrizes emocionais proveniente de traumas profundos oriundos da infância.

Quando adulta, Bride se torna uma empresária bem-sucedida e recebe reconhecimento social em diversos aspectos, sendo elogiada constantemente por sua aparência, sua pele retinta, seu bom gosto e sua competência. No entanto, sua vida começa a desmoronar quando seu namorado, Booker, a abandona abruptamente sem explicações aparentes. Assim, toda a segurança superficial que Bride carregava consigo, evapora. Ao mesmo tempo, Bride tenta reparar um erro do passado: uma acusação falsa acerca de uma professora, Sofia Huxley, que estaria abusando sexualmente de crianças. Movida pelo remorso, Bride tenta confrontar Sofia e se redimir, mas esse ato desencadeia uma série de eventos que a forçam a enfrentar os traumas de sua infância e as consequências de suas escolhas.

Ao longo da trama, outros personagens importantes são introduzidos, como Brooklyn, sua melhor amiga e colega de trabalho; Rain, uma menina maltratada que espelha o sofrimento que Bride viveu; e Queen, tia de Booker que passa a ocupar um lugar de afeto na vida de Bride. Enquanto Bride embarca em uma jornada física e emocional para encontrar Booker e buscar respostas, ela se depara com verdades dolorosas sobre si mesma, seus traumas e limitações, e sobre o que significa apropriar-se do passado para superá-lo, levando o leitor a refletir sobre como as experiências da infância moldam identidades e relacionamentos no futuro.

---

<sup>1</sup> Acreditamos que o nome *Sweetness*, no idioma original, é mais simbólico e significativo para a narrativa, o que será enfatizado em outros momentos da pesquisa.

Diante disso, o trauma é um elemento presente desde as primeiras páginas do romance e aparece não só na trajetória da personagem principal, mas também acompanha os personagens secundários. No caso de *Bride*, seu trauma se manifesta principalmente nas questões raciais e familiares oriundas da infância. Já em outros personagens, o enfoque é dado para traumas sexuais, também sofridos nos anos de formação dos personagens. Assim sendo, o romance demonstra uma preocupação particular acerca da proteção da vida de crianças, tema já abordado por Morrison em outras obras da escritora.

Então, o presente artigo busca investigar como o trauma se manifesta no romance ao longo da trama, principalmente na trajetória de *Bride*. No que se refere aos efeitos de tais acontecimentos traumáticos, serão abordadas as questões de formação identitária, o processo de rememoração do trauma e, finalmente, a busca pela cura e aceitação.

## **O TRAUMA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

O romance levanta questões sobre a construção da identidade de crianças que são submetidas a presenciar ou sofrer traumas direta ou indiretamente na infância. Uma das facetas mais latentes desse trauma pode ser observada na trajetória de *Bride* no que refere ao racismo e ao colorismo. Como mencionado anteriormente, a temática racial é uma das problemáticas que regem a produção literária de Morrison. No romance em questão, entretanto, o racismo se dá de maneira mais traiçoeira ainda: implantado pela sociedade, internalizado pela mãe, legitimado e intensificado pelo colorismo. Desde as primeiras páginas, é possível identificar qual tipo de relação foi estabelecida na relação de mãe e filha entre Mel e *Bride*. Mel, mulher negra de pele clara – e filha de pais negros de pele clara que possuíam privilégios em tempos de segregação racial nos Estados Unidos precisamente pelo tom de pele claro – que cresceu com sua identidade e identificação deturpada acerca da própria negritude, não consegue se enxergar como tal. Diante do fato de que Mel passou sua vida inteira vendo seus pais não se submeterem à segregação, a mãe de *Bride* escapou das piores partes do racismo, afirmando que seus pais não aceitavam “beber num bebedouro ‘só pra negros’ nem que estivessem morrendo de sede” (Morrison, 2018, p. 12), e se gabava por isso. Assim, ao ver a cor “preto meia-noite, preto sudão” (p. 11) da filha e perceber que ela ficava cada vez mais “preto-azulada” (p. 12), a

sua vontade de perpetuar o esquivamento acerca da própria identidade racial se tornou impraticável.

Sobre sua aparência, Mel afirma: “Eu tenho a pele clara, o cabelo bom, o que chamam de pele oliva, e o pai da Lula Ann também. Não tem ninguém na minha família com uma cor daquela” (Morrison, 2018, p. 11). Dessa maneira, ao não se identificar propriamente com as vivências da população negra durante sua vida, Mel não detém conhecimento suficiente nem vontade própria de fazer sua filha se sentir acolhida em um mundo que rechaça sua cor de pele. Bride, por sua vez, cresce com uma mãe incapaz de proporcionar afeto e satisfazer seus desejos básicos de criança, como poder chamar Mel de mãe. De maneira categórica, Mel conta que falou para Lula Ann (Bride) “me chamar de ‘Mel’ em vez de ‘mãe’ ou ‘mamãe’. Era mais seguro. Preta daquele jeito, e com lábio grosso demais pra me chamar de ‘mamãe’, ia confundir as pessoas” (Morrison, 2018, p. 14). Assim, Mel é a personificação de uma pessoa que não se reconhece racialmente frente à sua realidade e tenta se afastar dela a qualquer custo, o que acarreta o descarte e a rejeição da filha, que não conhece seu amor e compaixão.

É evidente que a postura de Mel é efeito colateral de todos os comentários que teria ouvido durante a vida inteira acerca de negros sem passabilidade, experiências vividas como expectadora acerca da violência racial, valores morais passados pelos seus pais e avós que negavam sua negritude, a rejeição do toque da própria mãe – assim como reproduz em Bride – entre muitos outros fatores. Tais experiências se tornam pano de fundo para a ascensão do racismo internalizado da mãe com que Bride teve que lidar durante toda a infância. Morrison, então, aborda em suas obras as marcas da “escravização quanto das diversas formas de discriminação pós-abolição na psique dos africanos, afrodescendentes e brancos. Neste processo, ela não justifica ou absolve as atitudes e comportamentos de suas personagens, mas humaniza-os” (Walter, 2010, p. 6).

Assim, os próprios traumas internos de Mel são restabelecidos em Bride, com agravantes. O racismo, nesse caso, é perpetrado por uma mulher negra para com a outra, sua filha. O fator distintivo é o colorismo. Sobre o conceito, Hunter (2007) elucida:

Embora todos os negros sofram discriminação como negros, a intensidade dessa discriminação, a frequência e os resultados dessa discriminação diferem drasticamente de acordo com o tom de pele. [...] A manutenção da supremacia branca (estética, ideológica e material) baseia-se na noção de que a pele escura representa selvageria, irracionalidade, feiura e inferioridade. A pele branca e,

portanto, a própria brancura, é definida pelo oposto: civilidade, racionalidade, beleza e superioridade. Essas definições contrastantes são a base do colorismo (Hunter, 2007, p. 283, tradução nossa<sup>2</sup>).

Ainda segundo Hunter (2007), o colorismo tem sua origem no período colonialista europeu e escravocrata americano. O colonialismo e a escravidão favoreciam aqueles que se aproximavam dos padrões brancos nos estratos culturais, econômicos e sociais, enquanto marginalizava indivíduos de pele mais escura. Pessoas de pele clara desfrutavam de vantagens exclusivas, que incluíam maior acesso a recursos e oportunidades. Nas *plantations*, escravos de pele mais clara, em geral, eram designados para tarefas que eram feitas dentro da casa dos senhores e poderiam chegar a alcançar os privilégios de alfabetização e letramento, ou até mesmo a chance remota de conquistar sua liberdade. Assim, com o tempo, escravos com essas características formaram uma pequena classe de libertos, composta principalmente por pessoas de pele clara, que assumiram posições de liderança nas primeiras comunidades afro-americanas. Desse modo, achavam-se diferentes e incompatíveis com os demais, que majoritariamente tinham pele retinta e características negroides, instaurando, assim, a noção de colorismo dentro da própria comunidade negra.

O colorismo, então, é o ponto chave para a negligência maternal de Mel em relação a Bride. Sem um senso de identidade validado pela mãe e por uma comunidade afetiva e afirmadora, a personagem é constantemente lembrada de sua diferença em relação à sua mãe dentro e fora de casa. Mel se recusa a tocá-la, odeia banhá-la e não suporta ser vista com ela. Bride chega até a imaginar um tapa na própria cara dado por sua mãe para simular o calor do toque físico que é constantemente negado a ela. Ainda, os comentários feitos acerca da sua aparência na infância são repugnantes, como “ela tem uma cor de olho esquisita, preto feito graúna com um tom azulado, uma coisa meio enfeitada também” (Morrison, 2018, p. 14) e “Que diabo é isso aí?” (p. 13). Portanto, fica evidente que a criança é negligenciada fisicamente, afetivamente e psicologicamente. Tais comportamentos, oriundos do colorismo, condicionam a personagem a buscar

---

<sup>2</sup> “Although all blacks experience discrimination as blacks, the intensity of that discrimination, the frequency, and the outcomes of that discrimination will differ dramatically by skin tone. [...] The maintenance of white supremacy (aesthetic, ideological, and material) is predicated on the notion that dark skin represents savagery, irrationality, ugliness, and inferiority. White skin, and, thus, whiteness itself, is defined by the opposite: civility, rationality, beauty, and superiority. These contrasting definitions are the foundation for colorism.”

validação fora do ambiente familiar propriamente dito. Cria-se, então, uma necessidade de receber validação afetiva por outros meios: a mentira contada por Bride que acarreta na prisão de Sofia, professora acusada de abuso sexual infantil.

Assim, o trauma infantil serve de ponto de partida para outra ação extrema de Bride, que a assombra constantemente enquanto adulta, prejudica a vida de outra pessoa e causa uma cadeia de traumas perpetuados de várias maneiras na vida das personagens. Diante disso, por meio da narrativa fragmentada em capítulos de diferentes narradores, temos a confirmação explícita da razão por trás da ação extrema da personagem em duas passagens:

Olhei pra Mel; ela estava sorrindo como eu nunca tinha visto ela sorrir — com a boca e com os olhos. E isso não era tudo. Fora do tribunal, todas as mães sorriram pra mim e duas chegaram a me tocar e abraçar. Pais fizeram o gesto de polegar erguido pra mim. Mas a melhor foi a Mel. Quando nós descemos a escadaria do tribunal, ela pegou a minha mão, a minha mão. Nunca tinha feito isso antes e me surpreendeu, me deixou satisfeita ao mesmo tempo porque eu sabia que ela não gostava de tocar em mim. [...] Brillantemente, eu sei, porque depois do julgamento a Mel ficou maternal (Morrison, 2028, p. 36).

E no diálogo com Booker, seu namorado, na parte final da narrativa:

“Você mentiu? Por quê, porra?”  
“Pra minha mãe segurar na minha mão!”  
“O quê?”  
“E olhar pra mim com orgulho pela primeira vez.”  
“E ela fez isso?”  
“Fez. Ela até gostou de mim.” (Morrison, 2018, p. 144).

Bride consegue sentir, pelo menos por um breve segundo, que é amada, respeitada e cuidada por sua mãe. Além disso, sente que sua mãe tem orgulho dela e está contente de tê-la como filha. Desse modo, diante da reação de Mel, fica evidente que a escolha de Bride foi feita principalmente como tentativa de emular os sentidos maternos de proteção e carinho de sua mãe. Assim, não só a personagem teve o gosto agri-doce do amor materno na situação descrita, como também teve que fingir um senso de confiança e segurança falso. Isso não é incomum em situações de trauma infantil:

O trauma recorrente na vida adulta corrói a estrutura da personalidade já formada, mas o trauma na infância forma e deforma a personalidade. A criança presa em um ambiente abusivo se depara com tarefas tremendas de adaptação.

Ela precisa encontrar uma maneira de preservar um senso de confiança em pessoas que não são confiáveis, segurança em uma situação onde não há segurança, controle em uma situação que é terrivelmente imprevisível, *poder em uma situação de desamparo* (Herman, 1992, p. 70, tradução e grifo nossos<sup>3</sup>).

Ainda como tentativa de estabelecer uma identidade sólida, Bride constrói um império para si mesma. É precisamente a sua beleza deslumbrante e incomum que serve de substrato para que a personagem desenvolva uma segurança aparente frente à sua vida e à sua carreira. Opondo-se completamente ao tratamento recebido em casa pela mãe, Bride é constantemente validada pela sua aparência, sendo cobiçada por homens e invejada por mulheres. Seu bom gosto pode ser visto desde suas decisões frutíferas como CEO de uma marca bem-sucedida de cosméticos quanto em relação a roupas, acessórios, carros e outros bens materiais. Assim, ao chegar na vida adulta, Bride tem tudo que uma garota pobre e negligenciada poderia sonhar, menos o que não se pode comprar: o amor familiar e a autoaceitação.

Desse modo, mesmo com o status social elevado, Bride, internamente, ainda se sente frágil e desamparada pelas cicatrizes da infância, que são cutucadas ao ser dispensada por seu namorado, Booker, quando ele descobre sobre o encontro de Bride e Sofia. A partir desse momento, toda a segurança superficial que Bride mantinha sobre a sua vida e sua identidade são expostas como insustentáveis. Ela se torna indefesa, frágil e desamparada. Não consegue conceber ser rejeitada pelo homem que ama e, mais ainda, não consegue acreditar que aqueles sentimentos de rejeição e desamor que tanto tentou reprimir estejam voltando novamente. É exatamente essa desilusão amorosa da vida adulta que catapulta a protagonista a enfrentar suas próprias memórias frente ao trauma em uma jornada de busca por autoconhecimento e identidade.

Antes de avançarmos para a próxima seção, visto que o conceito de realismo mágico será explorado, se faz relevante observar, primeiramente, o realismo e, posteriormente, o realismo mágico, e como se conceituam. Ao abordar a noção de realismo, Schøllhammer (2016, p. 17) destaca:

---

<sup>3</sup> “Repeated Trauma in adult life erodes the structure of the personality already formed, but trauma in childhood forms and deforms the personality. The child trapped in an abusive environment is faced with formidable tasks of adaptation. She must find a way to preserve a sense of trust in people who are untrustworthy, safety in a situation that is unsafe, control in a situation that is terrifyingly unpredictable, power in a situation of helplessness.”

Surgiu na literatura contemporânea uma voz frequentemente em primeira pessoa e que se expressa com uma coloquialidade simples e corriqueira, distante do trabalho experimental com as fronteiras expressivas da linguagem. Uma voz que expressa a própria experiência numa oralidade clara, que chega com facilidade aos ouvidos do leitor. Ao mesmo tempo, pode narrar uma história cujo desenvolvimento resulta fragmentário ou elíptico, com vácuos e ausências descritivos. A simplicidade direta do testemunho da própria condição é tensionada, assim, pela estrutura narrativa complexa, que desequilibra e intriga a compreensão.

Ele, ainda, atesta que “o conceito de realismo se ampliou nas últimas décadas ao considerar com mais atenção a dimensão estética, isto é, os efeitos e afetos deixados pela representação” (Schøllhammer, 2016, p. 15). É, precisamente, dentro dessa ampliação que se configura o conceito de realismo mágico:

A noção de realismo presente nesses conceitos vem da ideia de que o ficcional dialoga com o real na sua forma de representar determinado objeto que já existe no cotidiano, mas ganha um trato próprio da linguagem literária, possibilitando um diálogo frutífero entre realidade e ficção (Borges; Santos, 2018, p. 21).

Assim, de acordo com Iegelski (2021, p. 4-5), algumas características do realismo mágico seriam:

1) a descrição da vida cotidiana agregando acontecimentos fantásticos e irrealis; 2) o uso de imagens sintéticas no lugar de descrições verborrágicas, de modo a criar uma precisão lógica de apresentação do fantástico; 3) a tendência do desaparecimento da cronologia como ordenadora lógica dos acontecimentos da vida. [...] O realismo mágico é mais uma proposta disruptiva, uma maneira de se instaurar uma percepção diferente sobre a realidade americana, destacando-a das outras realidades. Esse gênero literário tem, também, uma forte conotação política – e histórica – entranhada em sua poética.

Por conseguinte, em *Deus ajude essa criança*, os elementos do realismo mágico surgem de modo sutil, funcionando como intensificações simbólicas de traumas psicológicos e históricos. Toni Morrison incorpora transformações não literais – notadamente a regressão corporal da protagonista Bride – não como fantasia em sentido convencional, mas como manifestações corporificadas de violências infantis não elaboradas e de uma vergonha racializada e internalizada. Tais momentos são narrados sem rupturas no tom ou explicações causais explícitas, o que se alinha à recusa do realismo mágico em separar a verdade psíquica da realidade externa. Dessa forma, o romance permanece ancorado no realismo social, abordando o colorismo, o abuso e o

trauma intergeracional, ao mesmo tempo em que permite que o elemento mágico articule dimensões do afeto e da memória que excedem os limites da representação estritamente realista. Assim, Morrison mobiliza o realismo mágico como uma estratégia estética e ética para tornar legíveis os efeitos duradouros, frequentemente indizíveis, do trauma sobre o corpo negro e sobre a constituição da subjetividade.

## **A MEMÓRIA E O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO**

O processo de rememoração e resgate de lembranças para vítimas de trauma é um exercício doloroso e não linear. Para Bride, não seria diferente. Ao longo de toda a narrativa, a personagem lembra de ocorrências cotidianas de rejeição e racismo por parte de sua mãe, o que impacta diretamente o seu senso de identidade. A relação de inferioridade que a mãe de Bride fez questão de ressaltar ao longo da infância dela, mascarada por uma tentativa falha de a preparar para a crueldade da sociedade, ressurge ao passo que a personagem necessita enfrentar suas cicatrizes de abandono e senso de insuficiência. Tais sentimentos se encontravam reprimidos e mascarados pela segurança financeira e validação estética que ela constantemente recebia. A memória, porém, é sorrateira. Não pede licença nem avisa de antemão que atravessará os pensamentos. Bride afirma que não é possível esquecer nunca e que “mesmo que eu tentasse, as cicatrizes, sem falar da vergonha, não deixam esquecer. A memória é a pior coisa enquanto a gente está sarando” (Morrison, 2018, p. 34). As memórias relacionadas a episódios racistas, então, ainda têm o poder de desestabilizar a autoconfiança de suas vítimas, como afirma Kilomba (2019):

O racismo cotidiano não é um evento violento na biografia individual, como se acredita – algo que “poderia ter acontecido uma ou duas vezes” –, mas sim o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial (Kilomba, 2019, p. 78).

Além disso, de acordo com Freud (1970, p. 39), “só os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros”. Assim, ao se deparar com mais uma rejeição, a mente e o corpo de Bride regressam ao tempo passado, dolorido e reprimido em sua memória, que, diante dos acontecimentos, ressurge de maneira involuntária, forçando-a a

enfrentá-la. A partir desse momento, o que acontece é uma transformação abrupta na psique e na aparência da personagem. Por meio do uso do realismo mágico, Morrison utiliza essa ferramenta para intensificar e retificar os efeitos duradouros do trauma. Bride, ao ser rejeitada e se afastar de seu estilo de vida luxuoso e confortável, que servia de porto seguro, sofre transformações corporais extremas que a fazem perder os traços de adulta – “não ter menstruação havia pelo menos dois meses, talvez três. De peito chato, sem pelos pubianos ou debaixo dos braços, sem furo nas orelhas e com peso estável” (Morrison, 2018, p. 134) – e não consegue escapar do que “acreditava ser sua louca transformação de volta a uma apavorada menininha negra” (p. 134). Ainda, temos o seguinte depoimento:

Durante os últimos três anos, ela só tinha ouvido que era exótica, deslumbrante — em toda parte, de quase todo mundo —, incrível, um sonho, gostosa, nossa! Agora, aquela velha com cabelo vermelho lanoso e olhos perscrutadores apagara todo o vocabulário de elogios com um risco só. Mais uma vez ela era a menininha feia, preta demais, da casa de sua mãe (Morrison, 2018, p. 136).

Ao retornar ao seu estado físico e psicológico da infância, Bride é obrigada a encarar o desconforto de suas memórias sem distrações, destrinchar seus sentimentos reprimidos e encontrar dentro de si a autoconfiança e sua própria identidade enquanto mulher negra que se reconhece em sua própria pele. A dificuldade do processo é intensificada pelo conceito de Outridade, abordado pela própria autora em escopo teórico, e também por Kilomba (2019, p. 98), quando afirma que o racismo “refere-se a todos os discursos, gestos, ações e olhares que colocam a pessoa negra como outro/a e também como ‘Outridade’”. O conceito de Outridade, ou *Otherness*, pode ser entendido como:

O “outro” sempre foi considerado como aquele que não é como nós, que é inferior a nós e que, conseqüentemente, está subordinado a ser excluído da sociedade. Portanto, quando os conceitos de “eles” e “nós” são criados - como categorias binárias excludentes -, os seguintes comportamentos são provocados nas diferentes civilizações: Sentimento de superioridade ou inferioridade em relação aos outros; medo ou falta de confiança no “outro”; obstáculos na comunicação com eles devido a barreiras linguísticas e ao que é considerado conduta civilizada; falta de familiaridade e empatia com o “outro” (Civita *et al.*, 2020, p. 4, tradução nossa<sup>4</sup>).

---

<sup>4</sup> “the «other» has always been considered to be the one who is not like one, who is inferior to one, and who is, consequently, subordinated to being excluded from society. Ergo, when the concepts of «they» and «we» are created—as excluding binary categories—the following behaviors are provoked within the different civilizations: Sense of superiority or inferiority concerning those who are different; Fear or lack of trust in

Assim, Bride não somente se sentiu a Outra aos olhos da sociedade durante sua infância por causa da sua aparência e cor de pele, como também foi exposta aos efeitos da outridade no ambiente familiar. Ironicamente, Bride foi a única que não sentiu a doçura (*sweetness*) de sua mãe, implícita no próprio nome, mas negada à filha. Por isso, ao se deparar com os mesmos sentimentos de sua infância, a lembrança contribui para o reconhecimento da personagem acerca da problemática do outro, o entendimento e a interiorização dos efeitos de tal conceito em sua própria construção identitária e valorização de si, e a tentativa de superação dos efeitos prejudiciais da outridade imposta, reatualizando-a, como esclarece Almeida (2012, p. 11), em “O trabalho do trauma está, portanto, em recriá-lo no presente, sendo que este processo pressupõe a dupla face do encontro: o retorno do recalado e sua reatualização”.

Desse modo, o processo de enfrentamento do trauma da personagem é ancorado em uma mudança corporal abrupta, que mimetiza o impacto sorrateiro do trauma infantil que sofreu e que a acompanha desde então. Os fragmentos de lembranças que assombram Bride se organizam nesse processo, fazendo-a a encará-los de maneira abrangente, do início ao fim, período que é representado pelas transformações corporais e pelo realismo mágico. Não é coincidência, então, que a regressão ao corpo infantil é sentida e observada apenas por ela, esclarecendo de uma vez por todas que se trata de uma resposta às memórias traumáticas. Assim, é possível concluir que:

Reconstituir o passado de um sujeito ou reconstituir o próprio passado, através de testemunhos de forte inflexão autobiográfica, implica que o sujeito que narra (porque narra) se aproxime de uma verdade que, até o próprio momento da narração, ele não conhecia totalmente ou só conhecia em fragmentos escamoteados (Sarlo, 2007, p. 56).

Consequentemente, sua jornada de enfrentamento do trauma pessoal e autoconhecimento através do processo de lembrança é espelhada em outras ações, como o reconhecimento de uma possível projeção da denúncia de um trauma atribuído a outra pessoa, como é o caso do abuso sexual presenciado por Bride e cometido por Sr.

---

the «other».; Obstacles in communicating with them because of language barriers and what is considered civilized conduct.; Lack of familiarity and empathy with the «other».”

Leigh, que pode ter sido a motivação para que a personagem acusasse Sofia no tribunal, como uma tentativa de reparação ao seu próprio trauma, ao presenciar tal ato condenável. Essa reflexão é suscitada pela própria personagem:

Verdade. Clareza. E se fosse o senhorio que eu estivesse realmente apontando naquele tribunal? Aquela professora era acusada de uma coisa parecida com a que o sr. Leigh fez. Será que eu estava apontando a ideia dele? A maldade dele e como me xingou? Eu tinha seis anos e nunca tinha ouvido as palavras “babaca” e “foder”, mas o ódio e a repulsa que havia nelas não precisavam de definição (Morrison, 2018, p. 57).

Como apontado por Edkin (2003, p. 4, tradução nossa<sup>5</sup>), “Testemunhar a violência cometida contra outras pessoas e sobreviver a ela pode parecer tão traumático quanto sofrer a própria brutalidade”. Assim, não só a lembrança ajuda Bride a esclarecer seus próprios traumas, mas também a guia para conclusões sobre outros efeitos de traumas distintos. Isso só é possível na fase adulta, com distância crítica e amadurecimento. A jornada de autorreflexão percorre toda a trajetória de Bride na narrativa, sobre diferentes acontecimentos. Como prova disso, temos:

[Booker] era parte da dor — não um salvador, absolutamente, e agora a vida dela estava destruída por causa dele. Os retalhos da vida que ela havia remendado: glamour pessoal, controle em uma profissão excitante, criativa até, liberdade sexual e, acima de tudo, um escudo que a protegia de qualquer outro sentimento intenso demais, fosse raiva, vergonha ou amor. Sua reação ao ataque físico foi não menos covarde que a reação ao súbito e inexplicado rompimento. O primeiro produziu lágrimas; o segundo, um “É? E daí?”. Apanhar de Sofia foi como o tapa de Mel sem o prazer de ser tocada (Morrison, 2018, p. 79).

Sua força e seu enfrentamento do trauma acarretam uma transformação interna profunda que a ajudam a reconstruir sua trajetória, ao destrinchar seus sentimentos em relação a Booker, sua mãe, Sofia e Sr. Leigh. Desse modo, Bride transcende um momento de fragilidade e dor para alcançar a autoaceitação e cura.

## **AUTOACEITAÇÃO E CURA**

---

<sup>5</sup> “[w]itnessing violence done to others and surviving can seem to be as traumatic as suffering brutality oneself”

Após o reencontro com sua própria identidade e o processamento de suas emoções, Bride inicia seu processo de ressignificação do passado e subversão da opressão. Tão machucada pela rejeição de sua mãe e pelo racismo constante sofrido na infância, a jornada de Bride para a cura se dá lenta e gradualmente, iniciando com a tentativa de retratação sobre a mentira que acarretou a prisão de Sofia, depois o enfrentamento com Booker e a coragem de perder seus amuletos de segurança financeira e estética, seguindo para o confronto violento com Booker e a confissão sobre a mentira, e seu ápice na transformação de seu corpo para a forma adulta novamente.

Dessa maneira, Bride percorre os três estágios da superação do trauma, segundo Herman (1992, p. 180, tradução nossa),

A recuperação [do trauma] se desenvolve em três estágios. A tarefa central do primeiro estágio é o estabelecimento da segurança. A tarefa central do segundo estágio é a lembrança e o luto. A tarefa central do terceiro estágio é a reconexão com a vida comum.

A segurança do primeiro estágio pode ser reconhecida no padrão de vida estável, no sucesso comercial e na confiança que Bride tem em sua aparência na vida adulta. Tais condições proporcionam um terreno próprio para o processo de rememoração e luto acontecer. O segundo estágio, assim, se dá através do processamento das memórias do trauma e as conclusões e reflexões que surgem da rememoração. Por fim, a reconexão com a vida comum, na narrativa, pode ser observada ao passo que Bride alcança a reconciliação com Booker a partir da própria responsabilização frente à mentira contada no tribunal.

Depois de confessar a mentira ao seu namorado, “ela se sentia renascida. Não mais forçada a reviver, não, a superar o desdém de sua mãe ou o abandono do pai” (Morrison, 2018, p. 150). Essa reflexão vai ao encontro do que foi afirmado por Booker, anteriormente: “Por mais que a gente tente ignorar, a mente sempre sabe a verdade e deseja a clareza” (p. 57). A reconciliação do casal se deu por meio do perdão de Booker, que Bride julgava como necessário. O erro dela de procurar Sofia, uma suposta molestadora de criança, foi entendido e relevado por Booker diante da revelação de Bride durante o confronto dos dois. Além disso, o perdão também pode ser visto de maneira implícita na relação de Mel e Bride, visto que a filha, mesmo carregando consigo as dores infligidas por sua mãe, ainda continua a auxiliando financeiramente. Segundo Ricoeur,

o perdão é o contrário do esquecimento de fuga; não se pode perdoar o que foi esquecido; o que deve ser destruído é a dívida, não a lembrança [...]. Mas, por outro lado, o perdão acompanha o esquecimento activo, aquele que ligamos ao trabalho de luto, e é neste sentido que ele cura (Ricoeur, [s.d.], p. 6-7).

Seguindo, podemos reconhecer o processo de cura em *Bride* em outro aspecto: seu encontro inesperado com Rain e seus desdobramentos. Ao identificar em Rain o mesmo tipo de dor atrelada à infância, as crianças interiores de ambas encontram consolo uma na outra ao passo que há uma confissão sobre as memórias traumáticas de Rain, que foi prostituída pela mãe quando criança. A garota adotada é grata aos pais adotivos, mas percebe que eles não estão dispostos a ouvi-la da maneira que ela gostaria, chegando até a afirmar que ela não saberia com quem falar sobre suas memórias traumáticas, também oriundas da infância e da negligência e abuso maternal. Assim, é esse papel de ouvinte cuidadosa que *Bride* desempenha na jornada de Rain. Esse encontro, então, significa um passo crucial para a recuperação e cura de ambas, ao externalizarem seus traumas reprimidos. Nesse episódio, é possível perceber uma mudança no comportamento de *Bride*, ao passo que ela se desprende de todas as suas ferramentas superficiais de segurança para gerar um ambiente seguro e maternal para Rain. Desse modo, mutuamente, ambas propiciam um ambiente de compaixão e cuidado uma para com a outra. Sobre isso, Ricoeur (2007, p. 443) afirma que “Não percebemos a sobrevivência, nós a pressupomos e nela acreditamos. E é o reconhecimento que nos autoriza a acreditar: aquilo que uma vez vimos, ouvimos, sentimos, aprendemos não está definitivamente perdido, mas sobrevive, pois podemos recordá-lo e reconhecê-lo”.

Por fim, o objetivo do terceiro estágio – a reconexão com a vida comum – é alcançado quando, mesmo depois de tantos traumas oriundos da relação maternal com Mel, *Bride* engravida e se mostra positivamente impactada com a notícia. O casal promete dar ao filho ou à filha tudo que os foi negado: amor incondicional, segurança, compaixão, apreciação e proteção. Dessa maneira, é evidente o arco de transformação, autoaceitação e cura de *Bride* ao longo da narrativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na narrativa analisada, Toni Morrison mais uma vez utiliza sua habilidade literária para explorar questões complexas e atemporais como racismo, colorismo e os impactos dos traumas geracionais. A autora constrói uma narrativa poderosa que entrelaça as experiências infantis de Bride com a realidade social e histórica que molda suas vidas. A relação complexa entre Bride e sua mãe serviram de base para a análise, por ser um exemplo claro do entrelaçamento entre o racismo, o colorismo e o abuso infantil. Por meio de uma abordagem sensível, Morrison destaca como a rejeição materna, a violência simbólica e o abandono impactam a formação identitária e os relacionamentos interpessoais da protagonista. Ainda, a obra reflete sobre como a infância é um período crucial para o desenvolvimento humano e aponta para a necessidade de confrontar e ressignificar traumas para alcançar a cura.

Ao analisar o trauma infantil, a narrativa destaca como o racismo e o colorismo são internalizados e perpetuados até mesmo dentro da comunidade negra. Mel nega sua própria identidade racial, e projeta em Bride, sua filha de pele retinta, a rejeição e o distanciamento afetivo causados pela falta de aceitação de sua própria negritude. Esse comportamento molda Bride como uma pessoa que, desde pequena, busca validação e afeto em meio a um ambiente que nega seu valor. A escolha de Bride de mentir em julgamento ilustra o impacto devastador da falta de afeto materno e a ansia de Bride por reconhecimento e amor, algo que nunca teve de forma genuína. Esse momento revela como os traumas infantis deformam a personalidade, forçando adaptações emocionais para lidar com a falta de segurança e afeto.

Ainda, a rejeição amorosa por Booker desestabiliza sua aparente segurança, levando-a a uma jornada de autoconhecimento e enfrentamento de seus traumas. O romance revela, assim, como a busca por identidade e aceitação é um processo árduo que exige não apenas confrontar o passado, mas também realizar a autorreflexão para estabelecer um senso de responsabilidade frente às próprias ações, guiados pelo processo de rememoração. As lembranças traumáticas de Bride são revisitadas e a consciência de inferioridade imposta pela mãe e pelos episódios de racismo se torna perceptível. Morrison utiliza a memória como um elemento central para destacar a luta de Bride contra os efeitos do trauma infantil e do racismo.

Além disso, o conceito de Outridade é analisado analogamente à trajetória de Bride. Os impactos duradouros da subjugação da personagem estão atrelados ao processo

contínuo de diferenciação que ela sofreu ao longo da vida, seja pela sociedade racista, seja pela própria família. Desse modo, através do realismo mágico, Morrison retrata a regressão física de Bride ao estado infantil, simbolizando o processo árduo de enfrentamento do trauma. A rememoração, então, serve de pilar para a jornada de autoconhecimento e autorreflexão dos próprios atos de Bride durante sua vida, e os impactos que eles tiveram na vida de outras pessoas.

Por fim, a jornada de Bride culmina em um processo de cura e autoaceitação. O confronto com suas memórias e sentimentos reprimidos transforma sua percepção sobre si mesma e sobre os outros, permitindo que ela transcenda o sofrimento e reconstrua sua identidade. Ao explorar temas como trauma, memória, racismo e Outridade, a obra de Morrison revela a complexidade da experiência humana e a necessidade de ressignificar experiências a fim de estabelecer resistência frente aos efeitos do trauma através da criação de um senso de identidade robusto e da busca por ressignificação pessoal.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Samira Pinto. Encenações do passado: a construção de um testemunho na minissérie brasileira Trago Comigo. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, [s.l], v. 4, p. 1-22, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revele/article/view/11290>. Acesso em: 29 nov. 2024

CIVILA, Sabina *et al.* Otherness as a form of intersubjective social exclusion: Conceptual discussion from the current communicative scenario. *Journal of Information Communication and Ethics in Society*. [S.l], v. 19, n. 1, p. 1-43, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/339874729\\_Otherness\\_as\\_a\\_form\\_of\\_intersubjective\\_social\\_exclusion\\_Conceptual\\_discussion\\_from\\_the\\_current\\_communicative\\_scenario](https://www.researchgate.net/publication/339874729_Otherness_as_a_form_of_intersubjective_social_exclusion_Conceptual_discussion_from_the_current_communicative_scenario). Acesso em: 30 nov. 2024

DOS SANTOS, Bruna Carla; BORGES, Erinaldo de Jesus. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio*, Belo Horizonte, n. 32, p. 20-27, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoscespuc/article/view/16946>. Acesso em: 7 jan. 2026.

EDKINS, Jenny. *Trauma and the memory of politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise (1910 [1909]). In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 3-51.

HERMAN, Judith Lewis. *Trauma and recovery: the aftermath of violence: from domestic Abuse to Political Terror*. Londres: Andora, 1992.

HUNTER, Margaret. The persistent problem of colorism: skin tone, status, and inequality. *Sociology Compass*, Massachusetts, v. 1, n. 1, p. 237-254, 2007. Disponível em: [https://projects.iq.harvard.edu/files/deib-explorer/files/the\\_persistent\\_problem\\_of\\_colorism.pdf](https://projects.iq.harvard.edu/files/deib-explorer/files/the_persistent_problem_of_colorism.pdf). Acesso em: 29 nov. 2024.

IEGELSKI, Francine. História conceitual do realismo mágico: a busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina. *Almanack*, Guarulhos, n. 27, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/12029>. Acesso em: 7. Jan. 2026

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORRISON, Toni. *Deus ajude essa criança*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *O perdão pode curar?* Tradução de José Rosa. Disponível em: [https://lusosofia.ubi.pt/textos/paul\\_ricoeur\\_o\\_perdao\\_pode\\_curar.pdf](https://lusosofia.ubi.pt/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf). Acesso em: 30 nov. 2024.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Do realismo ao pós-realismo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 14-21, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n39p14>. Acesso em: 7 jan. 2026.

WALTER, Roland. Literatura, História e Memória no Contexto Pós-colonial. *Revista Eutomia*, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2010.

Recebido em: 28/5/2025

Aceito em: 27/1/2026

**Laura Capoani Amaro:** mestra em Teoria da Literatura (2026) através de bolsa integral CAPES pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Possui graduação em Letras - Língua Inglesa (2018-2021) e Letras - Língua Portuguesa (2022-2023) pela PUCRS, buscando dupla graduação e licenciatura. Foi membro do corpo editorial de periódicos literários como o 'Navegações - Revista de Cultura e Literaturas em Língua Portuguesa', vinculada à PUCRS (2021- 2022), e 'Letras de Hoje - QUALIS A1 (PUCRS)' (2024-2026). Participa dos grupos de estudos de Literatura Inglesa e Literatura de Autores Latino-Americanos (LALA), ambos vinculados à Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Tem experiência e interesse particular em Língua Inglesa e Literaturas em Língua Inglesa, nas áreas de Teoria da Literatura, História da Literatura e Literatura Comparada, assim como na produção de poetisas confessionais norte-americanas.